

DAWN O'PORTER

VACAS

[NEM TODA MULHER QUER SER PRINCESA.]

Tradução de Marina Schnoor

 Harper
Collins
Rio de Janeiro, 2020



Título original: The Cows
Copyright © Dawn O'Porter 2017

Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela Harper Collins Brasil, um selo da Casa dos Livros Editora LTDA. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copirraite.

Rua da Quitanda, 86, sala 218 – Centro – 20091-005
Rio de Janeiro – RJ
Tel.: (21) 3175-1030

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

O69v O'Porter, Dawn

Vacas / Dawn O'Porter ; tradução Marina Schnoor. - 1. ed. - Rio de Janeiro : HarperCollins, 2020.

352 p.

Tradução de: The cows

ISBN 9788595082007

1. Ficção escocesa. 2. Feminismo. I. Schnoor, Marina. II. Título.

17-43519

CDD: 828.99113

CDU: 821.111(411)-3

Sumário

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

Seis meses depois

Agradecimentos

Sobre a autora

Vaca: a fêmea adulta de uma raça domesticada de gado, usada como fonte de leite ou carne.

O nome “vaca” é dado oficialmente à novilha que tem um bezerro.

Se você quer um bom corte de carne, precisa de uma novilha, porque as vacas, depois de serem destruídas pela maternidade, não rendem um bom bife. Vacas são animais incrivelmente complexos; elas fazem amigos e até se apaixonam, também sentem medo, raiva e podem guardar rancor.

Vacas estão destinadas a um estado hormonal constante, grávidas ou produzindo leite. Toda novilha é um pedaço de carne, meramente uma fonte de produção em potencial. Mas, pelo visto, não oferecem muita coisa além disso...

Algumas pessoas dizem que isso se reflete em nossa sociedade e no modo com enxergamos as mulheres.

Ou não.

Existem vários tipos de mulheres, e todo esforço é necessário para que elas não sejam vistas apenas como novilhas ou vacas. Mulheres não precisam se encaixar em estereótipos.

Vacas não *precisam* seguir o rebanho.

Sexta, tarde da noite, abril

Tara

Vejo uma gota de suor brotar na testa dele e escorrer pelo rosto, como se estivesse derretendo. Ele está quase lá, dá para ver. Só mais alguns leves empurrões e o cara vai explodir e me dar tudo de que preciso. Ele funga e acerta o punho cerrado no nariz. Acho que era uma tentativa de enxugá-lo, mas acabou sendo um soco na própria cara. O suor escorre até o queixo, segue pelo pescoço até ser absorvido pelo colarinho branco. Então rapidamente se espalha formando uma mancha úmida, enquanto, em uma linha de montagem, outra gota surge e segue o mesmo caminho. Ele vai falhar a qualquer minuto, sei disso.

Estamos sozinhos no quartinho de um Holiday Inn saindo da M4 há mais de três horas. Pedi de propósito um que tivesse vista para a rua, assim poderia insistir para que as janelas ficassem fechadas por causa do barulho. Estamos vivendo o dia mais quente do ano e está fazendo um calor escaldante aqui, mas precisei desligar o ar-condicionado porque a câmera capta o barulho do aparelho. Ele não vai aguentar por muito mais tempo. Eu? Eu aguento qualquer coisa para conseguir a frase de efeito de que preciso.

Ele concordou em dar a entrevista porque seria apenas eu e minha câmera no quarto. Esse sórdido escroto parece ter esquecido que a função básica de um equipamento de gravação é capturar um momento que pode ser transmitido para milhões de pessoas.

Estou há meses trabalhando nesse documentário sobre assédio sexual no trabalho. Shane Bower é gerente da Colchões Bower e entrevistei várias funcionárias da equipe dele que me contaram sobre seu hábito da mão boba. Ontem abordei o cara na porta da casa dele às nove da manhã, enquanto ele saía para trabalhar. Conte sobre as acusações e perguntei o que tinha a dizer. Bower negou tudo, é claro, e entrou no carro. Joguei um cartão de visitas a tempo, porque meu instinto dizia que ele ia entrar em contato. E eu estava certa, porque duas horas depois meu celular tocou. Bower me perguntou sobre o que se tratava meu programa e o que eu queria. Respondi que estava fazendo um curta-metragem sobre assédio sexual para um canal digital novo e queria saber se as alegações contra ele eram verdade. Mais uma vez ele negou pelo celular, mas eu disse ter juntado evidências contra ele e que seria inteligente da parte dele tentar convencer os espectadores de sua inocência, porque o documentário iria ao ar com ou sem a contribuição dele. Ao ouvir isso, concordou em dar a entrevista. Mas a sós comigo. Em um quarto. Me certifiquei de que a câmera já estivesse gravando quando ele entrou.

— Não duvido que você esteja dizendo a verdade, Shane — digo, de trás da câmera.

Estou mentindo. Ele é tão culpado que dá para sentir o cheiro da culpa.

— Só acho que o público vai ficar confuso com tantas funcionárias contando a mesma história. Você pedindo para

elas pularem nos colchões da loja, e depois pedindo para pularem no seu...

— Ok, ok. Para de dizer isso, por favor — diz ele, cuspiendo e engasgando por todos os orifícios, a mancha de suor no colarinho já chegando ao ombro. — Eu amo minha esposa — continua Bower, e vejo um medo genuíno em seus olhos.

Ele está atordoado, como uma aranha paralisada quando a luz acende no meio da noite. Mas, se deixarmos as luzes acesas por tempo suficiente, a aranha vai se mexer. Ela precisa.

A câmera continua ligada e ele não me pede para desligá-la. Sempre fico impressionada com o fato de que as pessoas resistem à verdade até esse ponto, mas depois explodem, quase como se fosse um alívio colocar tudo para fora. Ele poderia interromper nosso encontro nesse momento e ir embora sem me dar qualquer prova concreta, se safar dessa, mas culpados raramente fazem isso. Eu dou a corda e eles sempre acabam se enforcando.

— Meus filhos são tudo pra mim — diz ele, uma quantidade tão grande de fluidos escorrem por seu rosto que eu gostaria de ter um babador à mão.

— Se você for sincero, talvez dê tudo certo — digo, sabendo que vou ter que cortar quase tudo que eu disse e editar o vídeo para parecer que ele chegou aqui sozinho.

Mas então ele me dá tudo de que preciso, a fala mais gloriosa que eu poderia imaginar.

— Essas vagabundas agem como se estivessem implorando por isso. Como é que o cara vai saber que elas não querem?

Aaaaah, que lindo!

Abaixo a câmera, mas deixo ligada caso ele me entregue mais alguma pepita de ouro televisiva, embora já não importe mais o que aconteça. Já tenho o que preciso. Uma confissão.

Um desfecho para a cena. A partir daqui é caso de polícia. Vou continuar quando as autoridades aparecerem.

Acabei bem na hora do almoço. Caramba, eu sou boa nisso!

— Arrasei — digo, jogando os cartões de memória da câmera na mesa do meu chefe.

— O quê? Ele confessou? — pergunta Adam com seu jeito grosso, empolgado com o resultado, mas preocupado com a possibilidade de ter que me elogiar.

— Ahã. A confissão perfeita. Peguei o cara, eu disse que ia conseguir.

— Ok, Tara, já chega de agir como se você estivesse numa série policial. O cara era um alvo fácil.

— “Alvo fácil”? Fiquei horas trancada sozinha com ele num quarto abafado pra conseguir isso. Não teve nada de fácil.

Adam se levanta da mesa, e, levando os cartões de memória, entra no escritório principal, onde ergue a mão e diz:

— Pegamos o cara.

Há uma salva de palmas quando todo mundo percebe que o programa em que estamos trabalhando há meses vai ter um final bom. Fico atrás de Adam, vendo o idiota levar o crédito, querendo juntar coragem para dizer: “NÓS, UMA OVA. EU FIZ TUDO SOZINHA.” Mas somos uma equipe, é claro.

— Ok. Tara, Andrew, Samuel, podemos fazer uma reunião rápida na salinha, por favor? — pergunta Adam, apontando para nós três o seguirmos até uma sala com paredes coloridas, pufes, revistas, uma TV e um grande tapete redondo.

O lugar foi pensado para motivar a criatividade e é para lá que a equipe de desenvolvimento vai quando quer fingir que está trabalhando. Todos se sentam e passam horas assistindo à TV, lendo livros e revistas e estudando o *MailOn-line* para ter ideias de programas. São três pessoas lideradas por Samuel e,

nos últimos dois anos, só uma das ideias realmente chegou às telas. Não que isso importe, mas eu já emplaquei cinquenta.

Detesto essas reuniões porque tenho que lidar com três egos masculinos imensos que sabem que sou muito boa no que faço, mas são incapazes de admitir. São eles Andrew, o chefe de produção, Samuel, o chefe de desenvolvimento, e Adam, o chefe-chefe. Certamente é verdade quando dizem que a TV é uma indústria dominada por homens, mas isso é estranho porque há um monte de mulheres no ramo e muitas estão no alto escalão. O problema é que, se tratando de números de audiência, o consenso geral é que mulheres vão assistir programação focada em homens, mas homens não assistirão a nada muito feminino. Então tudo é mais masculino do que feminino para que o canal não perca o público do “futebol”. Aqui, antes de qualquer programa ser feito, eles dizem que o que as mulheres querem assistir é menos importante do que aquilo que os homens querem assistir. Esse machismo é filtrado pela indústria e chega até os responsáveis por montar a programação, uma característica que pode ser vista em toda sua glória aqui na Great Big Productions.

Quando me sento no pufe de plástico colorido, minha calça de couro sintético faz um barulhão de peido. É claro que todo mundo sabe o que causou o barulho, mas consigo sentir a dúvida no ar, e até a esperança de que eu tenha me humilhado ao soltar gases de verdade. Eles fazem uma pausa para sentir o cheiro e, ao confirmar que o ar está limpo, Adam começa a reunião.

— Ok, bem... ah, calma aí, precisamos de café — diz ele, chamando sua assistente, Bev. Eu sabia que ele ia fazer isso. Adam é do tipo que aproveita qualquer oportunidade para me mostrar que é o chefe, e essa jogada é clássica. — Pode trazer três cafés e água, por favor? — pede quando Bev entra na

salinha. Ela está vestindo uma saia curta demais para um ambiente corporativo e uma camisa branca sob a qual se enxerga um sutiã cor-de-rosa. — Rapidinho — acrescenta, apressando a moça para continuar com seu plano, que é encarar a bunda dela e fazer grunhidos estranhos enquanto ela sai.

Depois ele faz um “uuuh” e diz, baixinho:

— Como um cara consegue trabalhar assim?

Mais algumas fungadas e, logicamente, Adam lança um olhar para mim, para ter certeza de que estou vendo tudo. Olho diretamente para ele, sem deixar dúvida de que notei suas falsas intenções sexuais.

Desde o dia em que, dois anos atrás, entrei na sala de Adam e o flagrei assistindo a um ménage entre homens, é desse jeito que ele tenta esconder de mim sua homossexualidade. Na ocasião, Adam entrara em pânico ao perceber que eu tinha visto a cena pelo reflexo na janela e disse que estava fazendo pesquisa para um programa que estava desenvolvendo.

— Sobre orgias gays à beira da piscina? — perguntei.

— Sim — respondeu ele, fechando o computador, mas sem se levantar.

Nunca mais tocamos no assunto e nem preciso dizer que nunca vi nem sinal de um programa sobre orgias gays.

Desde então, Adam usa qualquer oportunidade para me mostrar que curte mulher. Objetificar sua assistente, Bev, é a atitude clássica. Não sei por que ele não abre o jogo... o problema é que ele parece mais interessado em ser importante do que gay. Me sinto meio mal por ele; viver com esse nível de negação deve ser exaustivo.

— Vamos falar de trabalho? — sugiro, querendo seguir em frente.

Resumindo, somos uma produtora de televisão que percebeu que o futuro está na internet. Então estamos criando conteúdo digital e várias webséries para marcar nossa presença on-line para continuarmos sendo relevantes quando a TV se tornar irrelevante. Fazemos principalmente programas sobre pessoas reais em situações reais, e me colocaram no comando porque já fiz programas incríveis com personagens de diversos escalões da sociedade-meio chefe acha que dariam excelentes web-episódios de quinze minutos. E ele tem razão, porque, apesar de ser grosso e chatíssimo, é bem esperto. Então posso dizer que esse é um trabalho importante para mim, que passei anos dando duro em produções longas e de baixo orçamento, e agora finalmente tenho a chance de fazer programas mais “ousados” — uma péssima palavra que eles usam na TV —, com menos controle sobre o conteúdo e mais liberdade para os palavrões. Estamos começando um documentário meu sobre assédio sexual. Vai ser incrível e meio que é meu trabalho dos sonhos. A parte ruim é que preciso passar bastante tempo com esses três.

— Só porque estamos trabalhando com conteúdo on-line, não significa que possamos relaxar com os orçamentos. A verba é menor. Vocês entendem isso, né? — diz Andrew, olhando para mim de um jeito condescendente, como se eu não conhecesse o conceito de economia. Ele não é muito competente e sabe disso. Abusa da grosseria para mascarar o medo de ser demitido.

— Não se preocupe, Andrew. Não vou torrar a verba com absorvente e sapatos. Acho que consigo me controlar.

Já eu, sou grossa para me defender.

— E os turnos vão ser cansativos. Pouca verba significa dias longos — continua ele, demonstrando sabedoria.

Ai, lá vamos nós! Nesse instante, tenho que explicar de novo minha situação, apesar de todo mundo estar cansado de saber.

— Tenho que sair às cinco para buscar Annie na creche — digo.

Tenho que tomar o cuidado de dizer “na creche” em vez de “na minha mãe”. Eles realmente acham que estou pagando por isso.

Adam revira os olhos, Andrew bufa com irritação e Samuel descruza as pernas, enquanto pareço, como diz Andrew, “não estar comprometida” com o projeto. Eles sabem exatamente o que estão fazendo e sabem que vai ficar tudo bem.

— Não encontrei uma creche que funcione depois das 17h30 durante a semana — continuo. — Você sabe disso.

— Não pode pedir para sua mãe ficar com ela quando estivermos ocupados aqui? — diz Adam, abusando da sorte.

— Não, não posso — respondo em tom desafiador.

É claro que minha mãe poderia ficar com Annie, mas não é essa a questão. Quero passar um tempo com minha filha. Meu horário de saída é às cinco, foi esse o acordo que assinei quando comecei a trabalhar na Great Big Productions quatro anos atrás, e desde então Adam vem tentando tirar isso de mim.

— Tudo bem — responde ele, bufando e cruzando os braços como uma criança petulante.

Samuel também estala a língua e cruza as pernas para o outro lado. A ironia do tempo que eles estão perdendo com isso passa batida.

— Só que não é justo, né? Com o resto do pessoal? — diz Adam.

Sei que ele não considera um problema eu sair às cinco horas, porque isso nunca afetou meu rendimento. Ele só

encontrou uma oportunidade para se reafirmar e resolveu aproveitá-la.

— Eu sou mãe solteira, Adam. Não venha me falar sobre o que é “justo”. Trabalho em tempo integral e tudo o que peço é para sair às cinco horas para buscar minha filha na creche. Sempre chego aqui duas horas antes de todo mundo e, em três anos, nunca faltei por estar doente. Eu faço meu trabalho.

Ele espera alguns segundos para deixar a tensão me causar dor de cabeça, depois diz:

— Estar “no trabalho” foi o que te colocou nessa.

Pausa para risada de reprovação, gargalhada, fungada etc.

— Essa foi boa, hein? — digo, me recostando no pufe e fazendo outro barulho de peido. — Desculpa, comi muito no almoço.

E com isso eles esquecem o assunto.

Cam

www.HowItIs.com

Camilla Stacey

Tenho 1,85 metro de altura, loira não natural e, se não fico de olho nas minhas sobrancelhas, os pelos se encontram no meio da testa. Também quero dizer que tenho mãos e pés bizarramente grandes e membros excepcionalmente compridos. Já me disseram que pareço o filho do Primo It com o Mr. Tickle, mas, na realidade, eu sou atraente.

Pareço uma amazona, mas na realidade sou do norte de Londres mesmo. Meu pai é de Working e minha mãe é de Barnet. Só que eu sou comprida e tenho mãos grandes. Fazer o quê?

Nunca tive problemas com a minha aparência, apesar das imperfeições. Nunca tive vergonha em colocar um biquíni ou tirar a blusa na frente de um cara. Não me preocupo com o peso porque nunca engordo, independentemente do que coma. Uso tamanho 40 por mais que o 38 seja melhor, porque preciso de espaço para os braços e as pernas.

Meu rosto também é legal, eu gosto dele. Pareço um pouco com a Emma Stone só que com um nariz mais largo e a pele mais escura. Meus olhos são grandes e castanhos, meus cílios são compridos pra caramba e as bochechas são naturalmente rosadas. Meus dentes não são certinhos, só que nunca mais pensei em colocar aparelho desde que a Kate Moss transformou os dentes tortinhos algo glamoroso. Levei muito tempo para absorver minha aparência e isso não foi por vaidade, foi com base em dados científicos. Já me olhei nua no espelho várias vezes, porque este é meu corpo e acho que preciso conhecê-lo melhor do que ninguém. Já agachei em cima de um espelho para ver o que os caras veem, investiguei meu rosto com uma lente de aumento e contei minhas rugas. Eu me conheço muito bem, porque tirei um tempo para fazer isso. Aos 36 anos, estou feliz com quem eu sou.

Aposto que algumas pessoas vão ler isso e ficar putas comigo, porque tenho uma visão positiva da minha própria imagem. Afinal não deveríamos ser assim, certo? Nossa sociedade celebra a magreza, peitões e bunda definida. Ela quer que a gente fique e se sinta linda. Só que, assim que alguém admite que gosta da própria aparência, a gente acha que a pessoa foi longe demais. Mas não fique puta comigo por dizer que gosto de mim mesma. Não estou dizendo que me acho perfeita, melhor do que alguém ou atraente para a humanidade inteira, só estou dizendo que imagem corporal não é algo que me deixa pra

baixo. Tenho muitos problemas, mas minha aparência não é um deles.

Não posso ser a única que se sente assim. Então, vamos lá, o que você enxerga quando se olha no espelho?

Bj,

Cam

Stella

O que eu enxergo quando me olho no espelho?, penso comigo mesma enquanto como o último pedaço de um croissant com manteiga e termino de ler o blog da Camilla Stacey. Adoro a Cam. Eu e Alice sempre citávamos os melhores trechos uma para a outra. É como se Cam estivesse sempre pensando o que nós ainda não pensamos. *O que eu vejo no espelho, Cam?* Bem, minha descrição de mim mesma não seria tão positiva quanto a sua, com certeza. Não que eu não me ache atraente, não vejo problemas na minha aparência. A questão é que me olhar no espelho me deixa triste por lembrar do passado ou com medo ao pensar no futuro. Se eu visse apenas a minha aparência, provavelmente não odiaria tanto estar diante do meu próprio reflexo. Mas, em vez disso, vejo os fantasmas da minha mãe e da minha irmã olhando de volta.

Rolo pela linha do tempo da minha página no Facebook. Como esperado, está lotada de mensagens.

Pensei em você hoje bjs

Espero que você tenha dado um sorriso hoje. Sei que onde quer que Alice esteja, ela está tomando umas taças de champanhe bj

Não consigo imaginar como você está sentindo hoje. Sempre me lembro de vocês duas e das festas de arromba que davam no seu aniversário. Sinto muita saudade dela. Muito amor pra você abs

Ainda não parece verdade. Espero que hoje não seja um dia ruim. Vou usar meu laço rosa com orgulho <3

Deve ter umas 25 mensagens, dizendo tudo menos “Feliz aniversário”. Não vi mais a maioria dessas pessoas desde o enterro de Alice, cinco anos atrás, mas, mesmo assim, todo ano elas escrevem mensagens vagas no meu perfil. Provavelmente nem se lembrariam de mim se não fosse pelo Facebook.

Há várias atualizações de status sobre Alice na minha linha do tempo, pessoas comentando sobre o relacionamento que tinham com ela, expondo a tristeza que sentem. Esperando por piedade e atenção ao escrever mensagens emocionantes sobre a falta que sentem dela.

É tudo muito transparente. Nunca menciono Alice aqui porque detesto posts carentes. Aqueles em que a pessoa escreve direta ou enigmaticamente sobre coisas tristes da vida, sempre na esperança de receber mensagens compreensivas de “amigos”. Um desses posts é o de Melissa Tucker, uma garota que estudou na mesma escola que a gente e jogava netball com Alice:

Hoje é o aniversário de uma das melhores amigas que já tive. Ela era divertida, linda, gentil e generosa. Nunca conheci ninguém como ela. Descanse em paz, Alice Davies. O mundo é um lugar mais sombrio sem você.

“Nunca conheceu ninguém como ela?” Ela era minha gêmea *idêntica*. Não sei se Melissa é cruel ou só idiota, mas tenho que me controlar para não escrever uma resposta no post dela. Quem diz uma coisa dessas?

Vejo um ponto verde no canto esquerdo da tela: “Alice Davies – on-line”. Imagino ela deitada na cama do nosso apartamento, postando besteira no Facebook, como costumava fazer.

Eu disse para todo mundo que tirei o perfil de Alice do ar quando ela morreu, mas não é verdade. Deixei de ser amiga de todo mundo e mudei a conta para privado. Sou a única “amiga” de Alice. Para todo mundo a página não existe mais, mas posso acessar sempre que quero, para ler todos os posts antigos. Como aquele em que ela dizia que não conseguiu fazer uma receita porque não tinha tomate-cereja no mercado. As coisas que mais gosto são os detalhes do cotidiano. Alice simplesmente vivendo a vida.

Toda manhã, quando chego no trabalho, acesso a conta pelo celular e depois, quando ligo o computador, o Facebook mostra que ela está on-line. O pontinho verde me faz sentir que ela está logo ali, sentada na sua cama, capaz de dizer “oi” a qualquer momento.

— Oi — diz Jason, saindo de seu escritório e me fazendo pular na cadeira. — Desculpa, não queria te assustar.

Fecho rapidamente o Facebook e abro o site da empresa, mesmo que pareça estranho estar sentada ali apenas olhando para a tela. Seja como for, Jason não tentaria ver. Ele não é esse tipo de chefe.

— Tenho que ir. Não vi a hora passar! — diz ele, de pé na minha frente com os braços cruzados.

Não é uma postura defensiva ou rude. É assim que as mãos dele ficam quando não estão segurando uma câmera.

— Não esquenta. Ela só quer saber como vão as coisas, certo? Não precisa mostrar nada para ela agora, né? — digo, tentando passar alguma segurança.

— Bem, eu devia ter apresentado um esboço na semana passada, então vou ter que explicar por que não fiz isso.

— Basta dizer que vai dar tudo certo e que vamos cumprir o prazo. Posso fazer uma sugestão? Acho melhor você ficar sem TV ou internet até terminar. Off-line.

— Nossa, que coisa horrível. Mas quem sabe... — diz ele, descruzando um dos braços para esfregar o rosto.

Parece perturbado, mas isso combina com ele. Jason é um cara austero, nunca parece ter tido uma boa noite de sono, mesmo quando diz que teve. Está sempre vestindo camisetas largas e calça jeans. É alto e magro, e tem tanta energia que sofre para ficar parado. O cérebro dele pula de um pensamento para outro, sem lhe dar tempo para se preocupar com o que disse, então às vezes fala fora de hora, mas sempre se safa por causa do brilho no olhar. Parte do seu charme está em ser muito aberto e fácil de lidar. Por isso Jason é tão bom no que faz. Bem, pelo menos na parte da fotografia. Ele tem demonstrado ser inútil em escrever livros.

— Achei um aplicativo que funciona tipo uma trava de segurança para o computador, aí a pessoa não consegue fazer nada até ter escrito determinado número de palavras. Quer testar? Também posso deletar os aplicativos de redes sociais e bloqueá-los no seu celular, que tal? — digo, achando que pode ser a única esperança.

Jason tira o notebook da bolsa e o coloca na minha frente.

— Manda ver. Preciso mesmo fazer alguma coisa dramática. Depois pode deixar o note na minha mesa. Venho trabalhar amanhã. Pode bloquear meu celular na segunda?

— Sem problemas.

Ele fica tempo demais parado ali, me olhando. Levanto a cabeça para ver o que ele quer.

— Você tem sorte, Stella. Sua vida não para quando você não consegue pensar em nada para dizer, escrever ou fotografar. Você vem trabalhar, depois volta para o seu namorado e para uma casa própria, e amanhã tudo estará igual, tudo perfeito. Que inveja.

Jason tem inveja da minha vida? Oi? Tenho que me conter para não me levantar e gritar com tanta força a ponto de fazê-lo cair para trás e bater com a cabeça na porta. Ele tem inveja da *minha* vida? Será que faz ideia de como realmente é? Não, ele não faz. Nunca contei nada a meu respeito. Nada sobre minha mãe, Alice, minha saúde. Ele sabe o básico: moro em Londres, no meu apartamento próprio, com meu namorado Phil. E isso é tudo que meu chefe precisa saber. Mas é estranho, penso, que a gente passe cinco dias por semana, oito horas por dia dentro do mesmo estúdio, conversando quase sempre... bem, geralmente é *ele* quem fala. Não sei se é possível tocar tão superficialmente a profundidade da vida real e termos uma relação tão boa, mas a verdade é que temos. Um relacionamento profissional de sucesso tem todas as qualidades de um relacionamento ruim. Se passar tanto tempo assim com um namorado fosse tão simples...

— Não sei se eu chamaria de perfeito — digo, minimizando a situação extremamente imperfeita que é a minha existência.

— Bem, parece boa para mim. Você tem um namorado, segurança. Vai se casar, ter filhos. Uma família de verdade. Provavelmente vou morrer sozinho no meu estúdio, nocauteado por um tripé ou alguma outra coisa patética do tipo.

Ele olha para o estúdio, os olhos ainda brilhando, apesar do rosto envelhecido e com rugas. Normalmente pulamos os

detalhes da nossa vida pessoal, mas alguma coisa no fato de escrever esse livro está fazendo Jason repensar tudo ao seu redor, inclusive eu.

— Na verdade, *eu* tenho inveja de você — digo, encontrando uma vozinha no fundo da mente que necessita ser ouvida. — Você tem a chance de criar e as pessoas se empolgam com isso. Você tira fotos que mudam a maneira que as pessoas pensam. Olha só! — digo, apontando para as paredes, onde impressões em tamanho grande do trabalho dele me entretêm todos os dias. Os retratos são tão detalhados que é como se os pensamentos das pessoas fotografadas estivessem estampados no rosto. — Esses momentos estariam perdidos se não fosse pelo seu trabalho, se você não os capturasse. E agora você está escrevendo um livro, que é uma coisa que vai durar mais que a sua vida. Uma prova física de que você existiu. Talvez, daqui a cinquenta anos, alguém esteja sentado em um hotel, esperando no aeroporto ou observando a estante de livros da casa de um amigo, e veja a sua obra. Essa pessoa vai ver suas fotos, ler as palavras que você escreveu e imaginar quem foi o cara incrível que capturou essas histórias. E na contracapa vai estar seu nome. E a pessoa vai ler em voz alta “Jason Scott” e pensar em como você era inteligente, em como suas fotos a inspiraram e a ajudaram a enfrentar aquele tempo. Depois essa pessoa vai fechar o livro e outra pessoa vai aparecer e gostar muito dele também. Esse é o seu legado. O trabalho incrível que você produziu. Você é quem tem sorte, Jason.

Há uma longa pausa enquanto Jason me lança um olhar penetrante. Ele é tão sexy que às vezes preciso imaginá-lo na privada para tirar isso da minha cabeça.

— Parece que você treinou esse discurso por semanas — diz ele, porque nunca ouviu uma coisa tão profunda sair da minha boca.

Em geral sou uma pessoa muito prática, acho. É o que Jason exige de mim. Ele é um artista desorganizado que precisa de estrutura, e eu gosto de organizar as coisas das outras pessoas porque me distrai do caos que é a minha própria cabeça.

— Só acho que você deveria ter orgulho do que conquistou, mesmo que o trabalho seja árduo às vezes — continuo, abrindo o notebook dele como se para encerrar a conversa.

— Você tem razão — concorda Jason enquanto me observa procurar o programa que bloqueia a internet e começar a baixá-lo. — Você é boa com palavras. Talvez *você* devesse escrever meu livro! — diz ele de brincadeira, dando uma piscadela. Mas a brincadeira tem um fundo de verdade. — Vai fazer alguma coisa hoje à noite?

— Na verdade, hoje é meu aniversário. Então vou jantar com Phil e alguns amigos — digo, tão pouco empolgada com os planos quanto demonstro estar.

— Caramba, Stella, você deveria ter avisado, eu teria comprado alguma coisa. Aonde vocês vão?

— Ah, nenhum lugar especial. Um restaurante de tapas legal na Bermondsey, o Pizzaro. Bem tranquilo.

— É uma data importante? Seus sessenta e alguma coisa? — sugere ele, se achando muito engraçado.

— Ei, cuidado aí. Não, só meros 29 mesmo. Nada de especial.

— Ok, divirta-se. Beba todas e faça alguma loucura. Vejo você na segunda.

— Até segunda — repito, vendo Jason sair.

Quando a porta se fecha, deixo o computador dele de lado e volto para o meu. Fico encarando o pontinho verde por algum tempo, querendo que ele me mostre que Alice ainda está ali. Mas claro que não vai acontecer. Clico na página dela e escrevo: Feliz Aniversário, mana. Saudades bjs

Depois pego minhas coisas e vou embora.

Tara

Raramente consigo buscar Annie na escola, então nas sextas, quando ela tem aula de dança e sai às quatro horas, sempre estou lá. Isso significa sair do trabalho ainda mais cedo, mas sorrio e suporto os olhares de reprovação dos colegas, porque não existe concurso de culpa materna que eu não ganhe. Ser mãe solteira e trabalhar geralmente significa que alguém em algum lugar não está feliz comigo. Seja uma pessoa do trabalho ou a minha própria filha, costumo ter que me desculpar com alguém por não dedicar o suficiente do meu tempo. Esse sentimento de não ser suficiente para ninguém me preocupa muito. Será que eu ganharia mais e seria melhor no meu trabalho se não saísse às cinco horas? Minha filha seria mais feliz se eu sempre saísse às quatro horas? Vai saber qual seria a resposta... eu não faço ideia, mas não consigo deixar de pensar que as outras mães no portão da escola me acham péssima.

Tenho certeza de que todas me julgam pela minha situação, então não faço qualquer esforço para me aproximar delas. Isso significa que elas também se esforçam pouco para se aproximar de mim. Ficam lá, conversando como se fossem velhas amigas, e eu respondo e-mails no meu celular, só levantando a cabeça para dizer “oi” enquanto espero Annie. Tenho certeza de que elas me acham metida e grossa. Acho que *realmente* sou grossa: minha falta de interesse é deliberada, mas, se elas se esforçassem mais, eu também me esforçaria. Será que essas mulheres não pensam: “Ei, ela está sozinha. Criando uma filha sem ajuda. Vamos lá enturmá-la?” Mas não, elas não pensam

assim. Só ficam lá rindo e imersas em suas conversas, casualmente julgando a mim porque Annie não tem pai e minha mãe cuida dela na maior parte do tempo. Minha mãe diz que sou paranoica e que as outras mulheres conversam sempre com ela, o que só deixa óbvio que elas têm, de fato, algum problema comigo. Bem, quem são elas para julgar? Ser mãe e dona de casa é muito melhor do que trabalhar a quantidade de horas que eu trabalho? Essas mulheres são mais felizes do que eu? Quem sabe e quem se importa? Nunca consegui me dar bem com outra mulher só porque ela também tem filhos. Essas aulas para mães e bebês, onde devíamos ser sinceras e compartilhar nossos sentimentos, dar conselhos, aceitar ajuda... Nossa, como eu detestava. Eu me sentia um farol de controvérsias brilhando em uma sala cheia de gente que se considerava normal. Desisti semanas depois de começar. Eu só precisava da Annie e da minha mãe. Quando se vive sozinha, a gente logo aprende a confiar no mínimo de pessoas possível. Meu vilarejo era pequeno, mas indestrutível. Eu era muito feliz no conforto das minhas decisões.

Cinco anos depois, aqui no portão da escola, ainda não consigo me encaixar nesse mundo. É difícil puxar assunto quando você passou o dia tirando informações de um maníaco sexual e elas provavelmente passaram o dia congelando porções individuais de lasanha. Acho difícil conversar sobre criação de filhos com pessoas que não fazem nada além de criarem seus filhos. Essas mulheres são de uma raça diferente. *Ande, Annie, saia logo daí!*

— Tara! — grita uma voz amigável que me pega desprevenida.

Ao me virar, percebo que é Vicky Thomson. A filha dela, Hannah, é da turma de Annie. Vicky é uma dona de casa entediada e desesperada para voltar a trabalhar. Ela acha que

pode arranjar um emprego na TV, apesar de ter zero experiência na área. Vive dando ideias de roteiros, como se eu fosse o Simon Cowell e pudesse mudar a vida dela. O mais irritante é que algumas das ideias são realmente boas.

— Eu estava mesmo querendo te encontrar — diz ela, correndo até mim. — Estou trabalhando naquela ideia que te contei — continua, presumindo que me lembro do que se trata. — Achei que talvez você pudesse levar adiante, tentando juntar casais gays no final, o que acha?

— Ok, desculpa. Do que você está falando mesmo? — pergunto, sendo um pouco grossa.

Vicky é uma daquelas pessoas que não deixam a gente em paz quando recebem muito feedback. Ela não deixa o papo morrer.

— Minha ideia, “Take My Gay Away”. O roteiro para um programa sobre gays que não são aceitos pelos pais, que por sua vez os mandam para um acampamento nos Estados Unidos para serem “curados”. Você disse que tinha gostado, então andei trabalhando mais nisso. Talvez a gente pudesse sugerir para a sua produtora... depois de três filhos em seis anos eu estou mais do que pronta para voltar ao trabalho, caramba. Preciso fazer alguma coisa agora que eles estão na escola, sabe?

— É uma ótima ideia — digo, educadamente.

— Então, o que você acha? Podemos apresentar para sua produtora? — insiste ela.

— Acho interessante, mas temos uma coisa bem parecida em desenvolvimento, então não sei se vai funcionar agora — digo, dando a resposta padrão para quando as pessoas dão boas sugestões. Isso me dá cobertura, caso eu acabe roubando a ideia.

— Ah, ok. Bom, e aquela sobre mulheres que querem ter pênis, mas não querem que a sociedade as veja como homens?

— pergunta ela, se pendurando em mim como um cachorro sentindo cheiro de biscoito no meu bolso.

— Espera aí, isso existe? — pergunto, porque o tubarão da TV que existe dentro de mim precisa saber mais.

— Ahã, descobri na internet.

— Meu Deus, o que você estava pesquisando?

— Garotas com pau — responde, como se fosse normal.

— Por quê?

— Sei lá, acho que eu queria saber como é ser uma mulher que tem pau.

— Você quer ter pau?

— Não.

— Maneiro.

Os portões da escola se abrem e as crianças jorram para fora como um vazamento de petróleo, lentamente alcançando os pais. Annie é uma das últimas, mais devagar que o normal. Percebo ela está triste.

— Annie, o que aconteceu? — pergunto, me ajoelhando e aproximando o rosto do dela. — Está se sentindo mal?

Ela balança a cabeça devagar e olha para baixo.

— Aconteceu alguma coisa na escola? Alguém fez alguma maldade com você?

— Não, mas a Trudy vai dar uma festa no sábado e disse que eu não posso ir porque a mãe dela falou que não tem espaço pra mim.

— Por que ela diria isso? — pergunto, nem um pouco surpresa.

A mãe da Trudy é uma vaca. A mulher me repreendeu porque cheguei atrasada na peça de Natal no ano passado. Chegou a estalar a língua. Sendo que tive que sair uma tomada antes de acabar o expediente para chegar a tempo. Adam me disse muitas merdas por causa disso, mas saí mesmo assim,

para não decepcionar Annie. Ainda assim, ouvi aquele “tsc tsc” quando abri a porta enquanto a Virgem Maria (Trudy) procurava um quarto para passar a noite. Não foi como se eu tivesse entrado no meio de uma apresentação de *Macbeth* no Teatro Nacional, né? Fiquei atrás e acenei para Annie, que estava no palco interpretando o melhor burrico que já vi. Ela acenou de volta para mim e uma das suas orelhas caiu. A mãe de Trudy fez “tsc tsc” de novo. Na época não me importei; sabia que Annie tinha ganhado a noite por eu estar ali, chegando tarde ou não.

— Ok — digo, esfregando os braços dela. — Vamos dar um jeito nisso, tá?

Segurei a mão de Annie e marchei até Trudy e sua mãe, que estava dando os detalhes da festa de sábado para outra pessoa.

— O tema é Disney — dizia ela. — E traga seu marido, quanto mais gente melhor.

Ao terminar a frase, ela vê que estou me aproximando e tosse, como se isso pudesse apagar as palavras que acabou de dizer.

— Oi — digo, sem medo.

— Oi. Vem, Trudy, hora de ir.

Ela segura a mão da filha e começa a arrastá-la para longe.

— Espera aí — continuo, com mais vigor. Ela para e sua expressão tensa sugere que não quer que eu faça uma cena. — Annie ficou sabendo que não tem espaço para ela na festa, mas suponho que tenha sido um mal-entendido, já que ela é uma amiga tão especial, não é mesmo?

— Hum, bem — diz a mãe de Trudy, olhando em volta, na esperança de que alguém a salve. — A casa não é tão grande para acomodar todo mundo. As crianças, os pais...

Busco o nome dela no fundo da memória... Verity, talvez?

— Achei que o motivo tinha sido você achar que ela estaria ocupada — digo, com convicção. Não vou deixar que ela faça isso com Annie, é muito cruel. — Trudy, você gostaria que Annie fosse à sua festa? — pergunto, pegando pesado.

— Eba! — grita Trudy, com uma expressão de alegria genuína.

Annie também se anima. Lanço um olhar convincente para a mãe de Trudy, deixando-a sem escolha a não ser ceder. Ela se inclina na minha direção, enquanto Trudy e Annie tentam ouvir o que ela diz.

— Acho que você precisa saber que Annie tem dito coisas inapropriadas para Trudy. Não sei o que acontece na sua casa, mas não gosto quando minha filha chega em casa perguntando o que é um pervertido porque a amiga disse que a mãe dela conhece um.

Um nó se forma na minha garganta. *Annie está sendo excluída do grupinho por minha causa?* Vou ter que engolir essa bela culpa materna.

— Olha, obviamente ela me ouviu falando ao telefone sobre um programa que estou fazendo sobre assédio sexual. Posso garantir que não existe nada estranho acontecendo na nossa casa. Não tem nenhum pervertido. Na verdade, posso até te dizer a última vez que um homem apareceu por lá. Então, pronto. Agora que você sabe sobre meu trabalho e minha vida sexual, Annie pode ir à festa ou não, Verity?

Meu trabalho me treinou a sempre pedir o que quero. Não se consegue muito com entrevistados quando não se não faz perguntas.

A expressão de Verity é tensa, como se dissesse “pelo amor de Deus”, enquanto tapa as orelhas da filha para o caso de eu dizer mais alguma coisa que ela considere ofensiva. Depois

bufa de forma exagerada. Annie, Trudy e eu estamos olhando para ela, esperando uma resposta.

— Vamos lá, Verity — digo. — Vou falar com Annie a respeito do que ela ouviu e vou tomar mais cuidado com minhas ligações de trabalho. Por favor, não tire isso dela.

— Ai, tá bem — diz ela. — O tema é Disney. De uma às três horas. — Ela agarra a mão de Trudy e a arrasta para longe. — E meu nome é Amanda, não Verity.

Uau, passei longe.

— Pronto — digo, me ajoelhando diante de Annie. — Está tudo bem, ela só não sabia que você queria muito ir. Feliz agora?

— Ahã. Preciso de uma fantasia — diz Annie com doçura, e um pedacinho de mim morre enquanto percebo que agora vou precisar arranjar algo para ela usar. — Posso ir de princesa?

Eu me levanto e seguro a mão dela enquanto vamos para o carro.

— O que eu disse sobre meninas serem princesas? Lembra?

— Você disse que não precisamos ser princesas.

— Isso mesmo. Todas as meninas irão à festa de princesa, então acho que a gente deveria tentar algo diferente, certo?

— Sim!

— Minha garota!

— Mamãe — diz ela, enquanto coloco o cinto de segurança ao redor de seu torso —, o que é vida sexual?

Ok, preciso mesmo prestar mais atenção no que falo.

Cam

— Ok, filha, todas as prateleiras estão instaladas — diz o pai ao sair do quarto dela. Ela está sentada perto da janela do seu novo apartamento maravilhoso, imaginando onde colocar a *chaise longue* que comprou no eBay que acabou de ser entregue.

— Precisa de mais alguma coisa antes que eu vá?

— Não, pai, obrigada. Era só isso mesmo. — Ela olha para o pai com carinho. — Não importa o quão velha eu esteja, sempre vou precisar que meu pai coloque as prateleiras para mim, né?

— Espero que sim. E, caso contrário, finja que ainda precisa, ok? — diz ele, se aproximando para abraçá-la.

Os dois sabem que Cam é tão boa quanto ele em fazer as coisas sozinha. Ela pede ajuda para fazer com que o pai se sinta bem.

— Estou muito orgulhoso de você, Camilla. Trabalhei a vida inteira e acho que não conquistei tanto quanto você.

— Você sustentou quatro filhas, pai. É uma conquista e tanto.

— É, minha vida girou em torno de vocês, com certeza.

Cam olha para o pai com ar de compreensão. Ela sempre foi muito próxima dele, bem mais que as irmãs. Antes de Tanya nascer, a mais velha das quatro, ele promovia shows de comédia pelo país inteiro. Não era um trabalho estável e envolvia turnos que iam até tarde da noite. Como isso não combinava muito com a rotina de um bebê, ele desistiu. Sem qualificação para outros trabalhos, o pai de Cam arranhou emprego na escola local como inspetor, onde ficou até se aposentar, quatro anos atrás. A verdade, no entanto, é que ele nunca gostou do trabalho porque não envolvia criatividade, o que era difícil e cansativo para ele. Se manteve firme, no entanto, porque sempre foi um bom pai e esse é o tipo de sacrifício que as pessoas fazem quando têm filhos.

— Sempre te falei que sucesso é ser feliz, não é? — diz ele.
— As pessoas dão ênfase demais ao dinheiro. Nunca fui rico, mas vocês eram saudáveis e felizes, então, independentemente do que eu tivesse feito durante o dia, voltar para casa e ver vocês me fazia sentir o homem mais rico do mundo.

— É, você sempre disse isso — concorda Cam. Ela sabe que não é totalmente verdade. Se dependesse exclusivamente de sua vontade, ele teria continuado promovendo eventos. Mas a mãe de Cam queria estabilidade e o pai era bom demais para discordar. — Mas eu amo pra cacete ser rica — diz ela, cutucando as costelas dele com delicadeza.

Os dois riem.

— Não deixe sua mãe ouvir você falando assim — diz ele.

É claro que ela nunca faria isso. Cam e o pai sempre compartilharam o mesmo senso de humor e uma compreensão mútua. Ele é a única pessoa da família que não questiona as escolhas dela, e Cam é muito grata por isso.

— Você sempre foi diferente das outras, Camilla. Você escolheu um caminho e seguiu, nunca tentou ser o que as pessoas esperavam. Tenho orgulho de você, filha.

— Caramba, pai! Para com isso. Acabei de me mudar e proíbo lágrimas neste apartamento, até as de felicidade, ok? — Eles se abraçam de novo. Antes de soltar, ela sussurra no ouvido dele: — Obrigada.

— Não tem nada que agradecer. Você fez tudo sozinha.

— Fiz mesmo. Mas só porque você sempre me encorajou a ser eu mesma. Não sou como as outras garotas porque você me deixou descobrir como ser feliz do meu jeito.

— Não tive escolha. Você não podia ser de outro jeito — diz ele, andando até a porta. — Me liga se precisar de mais alguma coisa, ok?

— Pode deixar.

— E nada de trazer garotos pra cá.

— Ai, pai! Ok, vai logo. Mamãe vai encher seu saco se você se atrasar para o jantar. Te amo. Tchau. — Cam o empurra com delicadeza pela porta. — Cuidado na escada — diz ela enquanto a fecha.

Cam abre um sorriso enorme ao observar seu novo apartamento. Um flat vitoriano de dois quartos, em Highgate, com uma bela vista de Londres e que custara 1,2 milhão de libras. Ela procurou móveis do período em que a casa foi construída, e vai combiná-los com enormes obras de arte moderna. O apartamento é bem iluminado, belíssimo e todinho dela. Situado em uma parte de Londres onde todo mundo sonha em morar. Cam mal consegue acreditar.

Jogando-se na *chaise longue* vitoriana verde-clara, ela pega o notebook e apoia o aparelho nas pernas. Ao abrir o *HowItIs.com*, vê que o site se tornou. Ele não apenas rende cerca de 20 mil libras por mês em publicidade, como também tem notoriedade, um público.

O site é sua voz no mundo. Cam nunca foi muito boa com pessoas, mas sempre teve bastante coisa a dizer. Essa mistura infeliz fez dos tempos de escola um período difícil. Alguém com a cabeça cheia de pensamentos, mas sem nenhum escape para tanto, tende a pensar demais e dizer de menos. No caso dela, essa característica ganhou vida em forma de um constrangimento social que as outras crianças não achavam divertido. Inevitavelmente, Cam era meio solitária. Mas isso só até o boom da internet, quando ela estava com 20 e poucos anos e teve a chance de expressar para o mundo como realmente era, a chance de dizer o que sentia sem a pressão da interação social. Isso mudou sua vida.

Há caixas empilhadas nas paredes e a TV ainda está encaixotada no chão. A internet só vai ser instalada em alguns

dias, então ela está usando um modem USB que a permite escrever e postar onde quer que esteja. Foi essa responsabilidade com o conteúdo que a tornou quem é.

Uma das primeiras blogueiras de estilo de vida, Cam tem se mantido na posição como “a melhor fonte para mulheres que falam sério”. Ou foi o que disse o *The Times* na sua lista “o que não perder no próximo ano”. “O selo de aprovação Cam Stacey é o que toda mulher quer...” (*The Guardian*, Janeiro, 2016). Com quase dois milhões de seguidores e oito contratos grandes de publicidade, Cam está raspando o tacho e se agarrando ao amor do público. Mas isso não quer dizer que não tenha que tomar cuidado. Escrever para blogs é um jogo perigoso, especialmente para quem fala sobre mulheres e é tão franca quanto Cam. Mulheres querem modelos. Elas seguem mulheres famosas que abriram caminho para pensadoras livres e são veneradas como heroínas, mas qualquer uma que deixe a peteca cair, diga algo errado ou seja controversa demais, vai parar na cova dos leões.

Aconteceu com uma amiga dela no ano passado. Uma pessoa muito fofa, Kate Squires, que escrevia sobre como conciliar maternidade e vida profissional, já que ela mesma ocupava um cargo de chefia numa empresa de relações públicas. Kate havia se tornado uma inspiração para seus quase 50 mil seguidores no Twitter. Mulheres que ao mesmo tempo eram mães e profissionais buscavam inspiração em Kate sobre como fazer o “malabarismo” entre trabalho e vida pessoal. Até que um belo dia, Kate ferrou a coisa toda com um único tuíte. Um tuíte imbecil que mudou toda a sua vida.

Mulheres sem filhos, vcs não entendem como é difícil chegar em casa e ter que cuidar de outra pessoa que não vc mesma. #PrecisoDeUmTempo

A população infértil do planeta caiu em cima dela. Kate tinha ofendido pessoalmente cada mulher com problemas reprodutivos no Twitter e além. O que ela disse foi tão ofensivo que o *Times* cobriu a história de uma mulher que, depois de três abortos espontâneos, tentou se matar quando leu o tuíte da Kate. “Isso me perturbou quando eu estava muito, muito deprimida”, disse ela. “Era como se a sociedade estivesse me dizendo que não tenho valor como mulher porque não posso ter filhos.”

As pessoas tinham o direito de ficarem ofendidas porque foi mesmo uma coisa muito insensível de se dizer. Mas será que Kate merecia uma campanha de ódio on-line e essa sucessão de coisas horríveis que aconteceram em sua vida? Cam acompanhou o caso com compaixão, mas tentando aprender com tudo. É complicado manter o equilíbrio nessa corda bamba entre fazer um comentário nas redes sociais e encarar o que acontece depois. É preciso foco, planejamento e atenção aos detalhes para não cair quando se vive em um mundo onde 140 caracteres podem acabar com sua vida.

No Twitter, Kate usou o habitual “Não quis ofender ninguém, só tinha tido um dia difícil”, mas não adiantou. Usando um vestido floral e lançando seu melhor olhar de Princesa Diana, chegou a ir ao programa *Loose Women* para dar uma desculpa sincera, embora ligeiramente patética. Ao sair do estúdio, foi confrontada por manifestantes com cartazes dizendo “MULHERES QUE NÃO SÃO MÃES TAMBÉM TÊM SENTIMENTOS”. Isso apareceu em quase todos os programas de notícia e o rosto de Kate passou a ser o mesmo do problema que a sociedade tem com mulheres sem filhos. Ela pediu clemência, mas as redes sociais não perdoam. Em semanas, ela estava off-line e fora da área. Foi demitida de seu cargo na empresa de relações públicas sob a alegação de que era

impossível eles mesmos serem representados por alguém com essa imagem. No momento, Kate está desempregada e pensando para conseguir se recolocar. O marido foi embora depois que ela surtou, e Kate hoje mora num pequeno apartamento no sul de Londres, e não mais na casa enorme que tinha em Penge. Ela quase nunca atende o telefone. Cam não fala com ela há meses. Sua vida inteira virou do avesso por causa de um tuíte escrito enquanto estava com sono.

Cam observou e aprendeu.

Ela tem conseguido encontrar o delicado equilíbrio entre desafiar limites e ser corajosa, mas sem nunca ofender alguém. Claro que Cam tem um ou outro *hater* ocasional, mas geralmente ela consegue ignorá-los. Também já foi diversas vezes alvo das feministas mais tradicionais, que acham que sua atitude em relação ao sexo é a razão para tantos homens abusarem sexualmente de mulheres. O objetivo de Cam, no entanto, é promover as diversas facetas do feminismo moderno, portanto, contrariar “As Conservadoras” é parte disso. Nem mesmo as ameaças de estupro que recebeu depois de escrever um texto pesado sobre Bill Cosby a derrubaram. Aparecer à porta e agredir alguém fisicamente exige muito mais do que tuitar “Vou te jogar em cima do capô de um carro e fazer você se arrepender por ter dito isso”.

Na internet, a maioria das pessoas só fala merda. Parte da sobrevivência na era digital exige internalizar totalmente esse fato e Cam está disposta a isso. Mas direitos das mulheres é um assunto delicado. Há uma luta — o feminismo —, mas há vários tipos de mulheres, e agradar a todas é impossível.

Quando está prestes a fechar os olhos, Cama recebe uma mensagem.

Isso deve ser seu. Tem seu nome escrito. Quer de volta?

Anexada, a foto do pênis ereto de seu amante de 28 anos. Ele escreveu CAM na base do membro, com hidrocor. Ela pensa nos lençóis de algodão que acabou de comprar e torce para que a tinta seja lavável...

traz a pizza e seu pau, bj

De repente, não se sente mais tão cansada.

Stella

— Vou querer bolinho de bacalhau e cordeiro — digo ao garçom que está anotando nosso pedido.

Ele está parado ali faz um tempão, esperando eu decidir o que comer. Hoje é meu aniversário, então tenho o direito de ser chata. Também estou tentando matar o tempo. Phil está estranho, Jessica está empolgada demais e eu não estou muito a fim de lidar com nenhum dos dois.

— Entããã, Mike e eu temos novidades — diz Jessica.

Ela é minha amiga mais antiga, a única que fez algum esforço em relação a mim depois que Alice morreu, e não fez isso para se sentir melhor consigo mesma. Jessica é uma dessas pessoas raras e extraordinárias que realmente gostam de si e que não dependem de reafirmação por parte de falsos amigos. Ela é um doce, mas sua animação constante é desafiadora. Phil não entende porque não contei a ela a respeito das coisas que estou passando, não entende por que precisa suportar sozinho o fardo de saber sobre o legado da minha família. Mas as coisas não são assim tão preto no branco com Jessica; ela nunca passou por um trauma. É uma boa amiga porque é leal, mas

tentar falar com ela sobre a minha vida me faz sentir a pessoa mais fodida do mundo. Afinal, qual o sentido de compartilhar nossa dor com alguém que não consegue sentir empatia? Uma das razões que me levou a ficar com Phil foi o fato do pai dele ter morrido quando ele tinha catorze anos. Alguma coisa na tragédia dele permitiu que eu me abrisse sobre a minha. E bem, no fim das contas ele é meu namorado, certo? É trabalho dele aguentar o fardo dos meus problemas. A única coisa que eu e Jessica temos em comum é história, mas, como Phil diz, preciso ter pelo menos uma amiga, então aqui estou, prestes a ouvir o que ela tem para anunciar.

Phil fica tenso e tenta se levantar, mas coloco a mão no joelho dele e o obrigo a ficar. Preciso dele aqui. A gente pode estar desmoronando ou não, mas ele é meu parceiro, e preciso disso no momento. De uma pessoa do meu lado. Não dou conta sozinha.

— Estou grávida — revela Jessica, como se a gente não soubesse o que significa quando recém-casados dizem “temos notícias”.

Ela está exalando felicidade. Sei que posso ser uma escrota nessas situações em que as pessoas ao redor expressam alegria, então tento não fazer isso com Jessica porque ela não merece.

— Parabéns — digo, me inclinando na mesa para segurar a mão dela, de um jeito bem estranho. — Quantos meses? — pergunto, me esforçando para não parecer invejosa.

— Estou esperando para primeiro de janeiro. Aposto que vai nascer na virada do ano, já curtindo uma balada — responde ela, se aconchegando em Mike, que é um cara incrivelmente legal, mas um pouco chato.

Ele está sorrindo e parece feliz da vida com sua nova esposa e o embrião. Phil, por outro lado, está brincando com o garfo feito um garoto de seis anos, os olhos vidrados no iPad. Sinto

que preciso compensar essa falha e então me levanto, vou até o outro lado da mesa e abraço Jessica.

— Estou tão feliz por vocês — digo, alcançando Mike para abraçá-lo também. — Vocês vão ser os melhores pais.

— Obrigada, a gente está muito feliz. Agora, mãos à obra, vocês dois, ok? O pequeno vai precisar de um coleguinha — brinca ela, com um sorriso enorme.

— Ahã, estamos trabalhando nisso — comento, um pouco entusiasmada demais.

Phil larga o garfo e começa a ler o cardápio, mesmo já tendo pedido. Antes ele era tão sociável, tão animado... foi isso que me atraiu nele. Preciso de uma pessoa assim do meu lado, alguém mais espalhafatoso, mais atraente para os outros, mais sociável. Como Alice era. As habilidades sociais dela nos tornaram as garotas mais populares da escola. Todo mundo queria andar com as Gêmeas Davies. Na verdade, as pessoas curtiam a novidade que existia ao redor de gêmeas, mas só gostavam de uma. Eu não era boa amiga como Alice era. Minha personalidade difícil não era atraente como o jeito caloroso da minha irmã. Eu nunca teria sido popular sem ela. Por isso, quando Alice morreu, não levou muito tempo para ficar evidente que sem um parceiro mais simpático, ninguém ia querer continuar sendo meu amigo. Fora Jessica, que mantenho por perto para impedir que Phil tente arranjar amigas para mim, porque ele acha que é disso que preciso.

— Ok, quem é a aniversariante? — pergunta o garçom, voltando para a mesa com uma garrafa de champanhe e quatro taças.

— Essa aqui — diz Mike, apontando para mim.

Jessica sorri para ele.

— Uau, champanhe? Obrigada — digo, esfregando a perna de Phil.

Gestos românticos costumavam ser bem normais, mas havia tempo que ele não fazia algo assim.

— Não! O quê? — pergunta ele, parecendo preocupado. — Nós não pedimos champanhe.

— Não pediram mesmo! Quem pediu foi um tal de “Jason Scott”, que ligou para o bar e solicitou a entrega — explica o garçom, esclarecendo as coisas.

Eu me sinto corar um pouco, mas não sei por quê.

— Aaaah, que fofo — diz Jessica. — Posso tomar uma tacinha? — pergunta, olhando para Mike para saber se ele aprova. Ele faz que sim e o garçom começa a servir. — Então, Jason continua um sonho como sempre?

— Rá! — Estou genuinamente emocionada com o gesto. Tinha sido impressionante, para ser sincera. — É, ele continua bem gato. Mas, não, credo. Que coisa estranha. Jason é meu chefe e eu só tenho olhos para Phil. Saúde.

Ergo a taça, mas só duas outras se juntam a ela no ar. Um guincho alto toma o restaurante enquanto Phil empurra a cadeira para trás e se levanta.

— Desculpa — diz ele, percebendo que chamou atenção. — Já volto.

Ele corre até o banheiro e eu fico ali sentada com Jessica e Mike, tentando fingir que está tudo normal.

Tara

— Amanhã pego você ao meio-dia — digo a Annie, dando um beijo de despedida.

— Pode vir a hora que quiser, vamos levar o cachorro para passear de manhã e depois comer ovos com bacon — diz

minha mãe.

Embora não entenda minhas escolhas e estilo de vida, minha mãe é uma mulher muito incrível. E está desesperada para que eu ache uma figura paterna para Annie, então concordou em ficar com ela sexta à noite para que eu possa ir a encontros.

— Só não conta para o seu pai, ok? — É o que ela pede toda semana quando saio de casa. — Ele não suporta imaginar você com meninos. Ele quase morreu do coração quando você ficou grávida. Provou que todos os pais estão certos!

Minha mãe é engraçada nesse meio-termo entre ser liberal e conservadora. Nunca sei aonde isso vai chegar.

— Eu sei, mãe. Se você puder lembrar a ele que tenho 42 anos, seria ótimo. Mas, bem, olha o que a gente conseguiu com tudo isso.

Olhamos para a sala pela porta da frente. Annie está tirando selfies com o iPhone da avó.

— Ela precisa de uma figura paterna — diz minha mãe.

— Não precisa, não, mãe. Nós estamos bem.

Mas é claro que seria legal se ela tivesse. E seria legal se eu não morresse encalhada.

— Marcou algum encontro para hoje? — pergunta ela.

— Ahã. Ele parece legal, trabalha com mídia, é fofo. Se eu tiver sorte, não é um assassino.

— Tara, por favor. Sem piadas. Li a história de uma garota que foi assassinada num encontro. Não tem graça.

— Mãe, as pessoas saem em encontros há milênios. Mas, sim, vou tentar não ser assassinada. — Abro a porta da frente. — Manda um beijo para o papai. — Fecho a porta e depois a abro depressa. — Aliás, o que ele acha que eu faço toda sexta à noite?

Estou curiosa para saber o que minha mãe inventou, porque ela tem razão: apenas imaginar que estou com algum cara faria meu pai ter uma convulsão.

— Eu disse que você tinha começado um grupo de tricô.

— O quê? Mãe, que patético!

— Acho que vou ter que comprar alguma coisa na internet e fingir que foi você quem fez para o aniversário dele. Me desculpa, entrei em pânico. Foi a primeira coisa que me veio à cabeça.

Dou um abraço nela e vou embora. Minha mãe abre a porta alguns segundos depois e grita para a rua:

— Você não precisa transar com todos, Tara!

Liberal ou conservador? Não tenho certeza.

Em casa, tomo uma ducha, visto uma camisa de seda bonita e a calça de couro falso, passo um pouco de maquiagem, afofo o cabelo e estou pronta. Já faz anos que desisti de me esforçar demais para um encontro. Sempre imaginei como é o processo para os homens, que aparecem vestindo o que usaram para trabalhar naquele dia, enquanto a mulher precisa aparecer toda produzida e maquiada. Isso abre um precedente logo no começo que não quero ter o trabalho de manter, então uso uma versão um pouco mais chique das minhas roupas normais. E acho que funciona. Mas ainda estou solteira, o que significa alguma coisa.

Ser mãe solteira é estranho. Não só porque todo mundo que você conhece te julga ou se compadece de você, mas porque é preciso pensar em muito mais coisas quando se começa a gostar de alguém. Se chama senso de responsabilidade, acho. Não posso levar aquele amigo com quem eu transo casualmente para casa, para conhecer minha filha. Isso seria

confuso para ela, então não tenho esse tipo de relacionamento. Isso é bom para Annie, mas um saco para mim.

Minha filha nunca me viu num relacionamento, então preciso lidar de forma cuidadosa com a situação. Apresentei um cara para ela no ano passado, mas só porque ele era muito incrível. Tinha decidido deixar para trás todo o medo em relação à Annie e convidei o cara para entrar em nossas vidas. Só que ele era tão incrível que era casado. Porque, logicamente, homens excelentes de quarenta anos nunca são solteiros. Por que seriam? Filhos da puta.

Esse em questão certa vez passou uma tarde de sábado na minha casa fazendo Annie rir tanto que ela foi dormir tonta de alegria. Quando ela apagou, a gente começou a transar e, no meio da coisa, o celular dele não parava de tocar. Ele acabou atendendo, porque o toque estava cortando o clima, depois caiu no choro. Era a esposa, dizendo que o pai dele tinha acabado de sofrer um ataque cardíaco e tinha morrido. O cara estava literalmente dentro de mim quando atendeu. Quer dizer, provavelmente foi a pior coisa que já aconteceu durante uma transa desde que aquele casal na China morreu porque estava mandando ver apoiado na janela do apartamento até a janela cair. Ele ficou tão devastado que nem conseguiu disfarçar que era casado. Eu ainda tive que reconfortar o cara, sendo que na verdade queria cortar o pau dele com um alicate de unha e jogar na rua. Também fiquei muito, muito desapontada.

Minutos depois, ele foi embora e nunca mais tive notícias. Annie ainda pergunta dele, “o moço engraçado”. Um dia vou contar para ela que o moço era tão engraçado quanto um diagnóstico de gonorreia. Ah, é, junto com a memória daquela noite horrível, ele também me deixou isso.

Tratar uma DST tendo uma criança em casa foi horrível. Eu me sentia infectada e contagiosa, implorava para os antibióticos acabarem. Quando terminei o tratamento, jurei nunca mais apresentar ninguém para ela a menos que a) tivesse certeza de que o cara não era casado e b) não precisasse fazer exame de DST depois de transar com ele.

Agora tenho muitas esperanças nos meus encontros de sexta. Quero alguém legal. Alguém honesto, seguro e divertido. Nunca se sabe, mas o cara desta noite, Al, parece ok nas fotos. Antes disso, no entanto, vou tomar um drinque rápido com minha melhor amiga, Sophie.

— Desculpa, me atrasei — diz ela, se aproximando lentamente no bar. — Eu estava pintando o cabelo, mas a menina era muito lerda, aí decidi que não gostei da cor e pedi para ela pintar de volta de... enfim, oiiiiiii.

Sophie sempre se atrasa, por isso sempre trago meu Kindle.

Eu e Sophie somos filhas únicas, o que significa que temos uma relação quase de irmãs, como começamos a nos chamar quando tínhamos dez anos, afinal éramos o que a outra tinha de mais próximo disso. Eu questionava muito isso, porque Sophie me enlouquece quase o tempo todo. Até que outra amiga da escola disse que, se a irmã não fosse da família, as duas jamais seriam amigas, mas que, mesmo assim ela a amava porque é isso que irmãs fazem. Então percebi que Sophie devia mesmo ser a irmã que nunca tive e que era normal a gente nem sempre se entender. Eu só tinha que amá-la, o que fiz e ainda faço, porque temos muita história. E não dá para apagar isso, não importa quantas vezes a pessoa prefira passar tempo com um secador de cabelo do que com você.

— O cabelo ficou ótimo — digo, porque ficou mesmo.

E porque sempre fica, já que ela é maravilhosa. Magra, loira, a pele impecável. Chega a ser irritante, mas é tudo natural. Com exceção da cor do cabelo.

— Obrigada. Ok, podemos beber champanhe? Acho que preciso de um espumante.

Peço duas taças mas ela grita que quer uma garrafa. Então aqui estamos nós, sentadas num bar às 18h40 de sexta-feira, bebendo champanhe sem nenhum motivo em particular.

— Só tenho vinte minutos. Tenho um encontro com um cara chamado Al às sete.

A animação pré-encontro me faz abrir um sorrisinho... Talvez esse seja um dos bons. Provavelmente não.

— Caramba, não acredito que você ainda se propõe a esse tipo de coisa, não consigo nem imaginar — diz ela. — Nossa, nunca tive tantos encontros quanto você. Carl foi meu único encontro formal e, como acabamos casando, parece que deu certo, né? Um brinde a isso!

Ainda não consigo aceitar que Sophie, totalmente vida louca, esteja casada. Acho que nunca conheci alguém tão faminta quando se tratava de sexo e festas. O apetite dela pelos dois sempre me fascinou.

— E Carl, como está?

— Está bem. Eu sei, estou falando o mesmo de sempre. O casamento vai bem na maior parte do tempo, desde que eu não fale sobre o meu passado.

— Ainda? Sério?

— Sim, o grande elefante sensual no meio da sala. Claro que ele não sabe de nada, eu nunca contaria essas histórias. Mas ele faz um monte de suposições a respeito de mim e das coisas que eu costumava fazer. O mais irritante é que ele chega bem perto.

— Mas de onde ele tira tudo isso? — pergunto.

— Ele diz que não entende como alguém como eu não transava horrores quando era solteira.

— Ok, você sabe que isso é um pouco ofensivo, né? — digo, percebendo que é ofensivo de fato, mas Carl tem razão: Sophie transava horrores.

— Ontem, Beth Taylor, se lembra dela da escola? Ela me marcou numa foto antiga no Facebook. É uma foto com um monte de gente, acho que eu tinha uns dezessete anos, e eu apareço no fundo, beijando um cara. Ela me marcou e escreveu: “É assim que me lembro de você, Sophie. Espero que esteja bem.” Uma idiota. Por que alguém faz uma coisa dessas?

— É, eu vi. Achei engraçado. E acho que a maioria das pessoas casadas de quarenta e poucos anos não vão encher o saco do outro por ter beijado alguém aos dezessete, né?

— Verdade. Mas mesmo assim... tenho que tomar cuidado. Ele é meio das antigas e preciso que meu casamento dê certo. Fica mais fácil se eu editar um pouco meu passado, só que agora tenho que estar sempre atenta por causa dessa merda de internet. Qualquer um pode me mandar um tuíte ou postar uma foto minha daquela época. Lembra aquela vez que a gente foi para Ibiza, na festa da espuma? Graças a Deus foi antes dos celulares com câmera, mas e se alguém estava com uma daquelas câmeras descartáveis que todo mundo tinha e me encontra no Facebook? Imagina as fotos minhas que estão soltas por aí. Porque, meu Deus do céu, eu disse para o Carl que nunca usei drogas, acredita? Ele ia surtar se descobrisse as coisas que a gente fazia. Agora eu começo a suar frio toda vez que aparece uma lembrança do Facebook!

Bebo um pouco de champanhe.

— Ei, mas a gente se divertiu, não?

Pisco para ela.

— Um brinde a isso!

Não sei como Sophie consegue estar casada com alguém que não aceita quem ela é. Interpretar um novo papel, inventar um novo passado. Ver Sophie coordenar a vida enquanto tenta esconder quem ela era — é? — do marido tem sido uma lição para mim, para saber o que quero. De jeito nenhum eu quero encontrar alguém que não me aceite. Não quero ter que mentir, esconder ou negar nada. Sophie nunca admitiria, mas ela se casou com Carl porque passou a vida inteira curtindo e não arrumou qualificação para trabalhar com nada do que gostaria. Sendo assim, arrumar um cara rico era o único jeito de conquistar uma casa legal e dinheiro para comprar garrafas de champanhe quando você só tem vinte minutos para beber e absolutamente motivo algum para comemorar. Mas prefiro ser pobre e sozinha.

— Ok, melhor eu ir, não quero me atrasar para o meu encontro delicioso — digo, descendo da banqueta do bar. — Bebe a minha parte.

— Ah, não se preocupe, foi pra isso que eu trouxe isso aqui — diz ela, mostrando o cartão de crédito do marido. — Ah, e se ele perguntar, você pode dizer que estávamos com outras pessoas? Seria mais fácil.

— Sophie, somos melhores amigas desde o primário e ele ainda não gosta que você saia comigo?

— Não. Quando somos só nós duas ele acha que vamos fazer alguma merda, que você é uma má influência. Não me olhe assim, Tara! Por favor, basta dizer que a gente estava com uns conhecidos da escola. Quanto mais gente de olho em mim, mais ele acha que vou me comportar melhor, ok?

Eu me sento de novo.

— Ele é muito controlador, Sophie. Isso me preocupa — digo, obrigando minha amiga a me olhar nos olhos.

Ela dá um sorrisinho e depois desvia o olhar.

— Talvez eu precise ser um pouco controlada? — sugere ela, bebendo a champanhe. — Não posso ficar por conta própria, Tara. Sabe-se lá o que pode acontecer...

Ela me lança um olhar crítico, e sei o que ela quer dizer. A gente sempre fez loucuras, mas depois que tive Annie, precisei parar. Logo ficou claro que, apesar de também ter sido porra louca, nunca fui como ela. Ao longo dos anos, sabe-se lá como, consegui impedir que ela perdesse o controle. Nem percebi que estava fazendo isso, mas eu a levava para casa quando bebia demais, a arrastava de quartos onde ela não deveria estar, a impedia de cheirar mais carreiras do que o necessário, arrancava copos da sua mão... Quando engravidei, Sophie não tinha ninguém por perto para fazer isso por ela, e logo vimos o perigo que essa situação representava. Eu estava grávida de seis meses quando fui parar na emergência de um hospital numa sexta à noite. Eles me ligaram às duas da manhã dizendo que Sophie tinha sido encontrada num beco, a saia levantada até a cintura e tão fora de si que mal conseguia dizer o próprio nome. Quando entrei no quarto, ela estava chorando no leito. Sophie fora dopada por um barman em uma boate e, embora não houvesse sinais de qualquer abuso sexual, o galo em sua testa e o estado das suas roupas deixavam claro que o cara tinha ao menos tentado.

— Não consigo cuidar de mim mesma — disse ela, de um jeito patético, me olhando da cama de hospital. — E você não pode mais cuidar de mim, então não sei o que fazer.

Levei minha amiga para casa e cuidei dela por uma semana. Então ela voltou para casa a fim de “começar de novo”. Estava determinada a mudar, a crescer. Houve alguns outros “incidentes”, até que conheceu Carl. Eles se casaram um ano depois e agora ela está sendo cuidada como queria. Só que por mais desconfortável que eu fique com isso, sei que Sophie

provavelmente está melhor assim. E ela ama mesmo o cara, porque ele é rico.

— Ele é bom para mim de outras maneiras — afirma, mostrando o cartão de crédito de novo. — Estou muito feliz, juro. Te amo.

— Também te amo — digo, com lealdade. — Preciso ir.

Ela se serve de outra taça e tenho que lembrar que isso não é mais problema meu.

Entro no Sanderson Hotel na Berners Street e confiro o bar. O lugar é mais chique do que um que eu escolheria. Gosto mais de pubs do que bares, mas não vou negar uma noite de drinques chiques num lugar legal, se é isso que o cavalheiro quer. Estou aqui para encontrar Al, que trabalha com mídia, estava livre hoje à noite e pela foto parecia legal. Essas são três ótimas razões para marcar um encontro, até onde eu sei. Principalmente por ele parecer bonito na foto, claro.

Dou uma olhada no bar e avisto o cara. Ele é fofo, mas a foto obviamente era antiga. O cabelo está muito mais comprido e o rosto muito mais velho. Mas tudo bem. Não julgo as pessoas por usarem a foto mais bonita nos sites de relacionamento, todo mundo faz isso. Sempre me preparo para ficar um pouco desapontada na vida real, e torço para que a personalidade compense. Al parece mesmo mais velho do que na foto, mas ao me aproximar, percebo que ele é muito, muito bonito.

— Oi — digo, me sentando no banco ao lado dele. — Chique esse lugar, hein? Você vem sempre aqui?

Estou brincando, óbvio. Ninguém fala “Você vem sempre aqui?”. Ele parece um pouco surpreso por eu ter me sentado. Será que eu devia ter pedido licença?